



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

ENTRE “O PIRATA ANTIGO E O JORNALISTA MODERNO”: O COTIDIANO DO FAZER JORNALÍSTICO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Luciana Leite da Silva*

Denilson Botelho de Deus (Orientador)**

1

O alvorecer de um novo século caracteriza-se sempre como momento de muita expectativa para as sociedades e isso não foi diferente com o advento do século XX no Brasil. Essas expectativas vinham sendo construídas desde a passagem da monarquia para a República. O período que conhecemos como Primeira República (1889 – 1930) foi marcado por grande agitação e sentimento de esperança, isso fica evidente quando José Murilo de Carvalho, em *Os Bestializados*, se refere às transformações ocorridas durante a passagem do século XIX para o XX:

Como a maior cidade e a capital econômica, política e cultural do país, o Rio de Janeiro não poderia deixar de sentir, em grau mais intenso do que qualquer outra cidade, as mudanças que vinham fermentando durante os últimos anos do Império e que culminaram na abolição da escravidão e na proclamação da República. A mudança de regime, com todas as expectativas que trazia e também com todas as dificuldades que implicava, como que projetou luz intensa sobre as

* Graduando em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí. Bolsista PIBIC e membro do Grupo de Pesquisa “História Social da Cultura: Imprensa e Literatura”. Email: lukka.net@hotmail.com.

** Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto II do Departamento de Geografia e História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

novas realidades tornando a vivencia delas também mais intensa e mais difundida. (1987, p. 22)

O desejo pela modernização do país caracterizou esses novos tempos, o Rio de Janeiro, então capital da jovem República foi o centro desse projeto modernizador. A burguesia, ainda incipiente no país se preocupava em difundir o ideário progressista e moderno. Esse ideário trouxe consigo não somente transformações de cunho político ou econômico, mas também propôs modificações na cultura, passando a valorizar aquilo que provinha do exterior.

“Tendo Paris como modelo, o centro da cidade foi depressa modificado, a avenida Beira-Mar foi aberta, jardins foram criados e reformados, os bondes ganharam tração elétrica, sem esquecer a construção do novo porto”(CARVALHO, 1987, p. 40). A população que habitava o centro da cidade foi expulsa para os morros, houve a recriminação de hábitos que indicassem vadiagem como, por exemplo: a embriaguez e a mendicância, entre outros. Há nesse momento também a intolerância para com a própria cultura popular, enfim ignorou-se tudo aquilo que representasse o Brasil como sinal do atraso ou o identificasse com os costumes e hábitos tradicionais. O Rio de Janeiro deveria se tornar apresentável as nações estrangeiras, para assim transmitir credibilidade e acompanhar o progresso que já era evidente na Europa.

Esse novo contexto social e a promissora burguesia contavam com uma propaganda praticamente imbatível: era a poderosa imprensa. O ideário progressista e moderno, que tanto influenciava e satisfazia a opinião pública eram divulgados nos principais periódicos do Rio de Janeiro. Mas para se tornar a grande aliada da burguesia e acompanhar o ritmo desses novos tempos a imprensa teve que ingressar também no processo de modernização. Foi dentro desse contexto que os periódicos substituíram a produção em estrutura artesanal para tornarem-se empresas jornalísticas. Com intuito de obter mais qualidade e rapidez com trabalho gráfico e editorial das impressões, os periódicos passam a investir gradativamente em inovações de caráter técnico.

Dentre as várias inovações utilizadas pela imprensa nesse período, verificamos que houve a intensificação do uso de ilustrações e fotografias na edição dos jornais e revistas, com a função de transmitir mais veracidade às notícias e reportagens. A impressão em cinco cores já estava sendo utilizada nos clichês de alguns jornais.

Com o intuito de conquistar a opinião pública, a linguagem utilizada pelos periódicos também sofre modificações, o “texto torna-se cada vez mais simples, leve, ao gosto de um público mais vasto” (BARBOSA, 2000, p. 56).

O jornal progressivamente vai perdendo o caráter opinativo, os conteúdos dos textos tornam-se basicamente informativos. Essa visível padronização da linguagem, juntamente com o emprego dos literatos nos jornais contribui para uma vulgarização da linguagem literária.

A banalização da linguagem impressa colabora para que as páginas dos jornais fiquem recheadas de escândalo, crimes, tragédias, notícias policiais, que terminam por cair no gosto popular, dando início ao que chamamos de novo jornalismo.

O jornal passa a ser usado como arma polêmica e também através das novas técnicas tenta se popularizar. E popularizar significa valorizar o grotesco, o violento, as matérias policiais. Essa valorização, muitas vezes levada ao extremo, faz com que os fatos policiais, as tragédias do cotidiano, as catástrofes sejam, de fato, o assunto principal. (BARBOSA, 2000, p. 14)

O jornalista é o personagem que torna realidade toda essa gama de inovações, cabendo a ele o papel social de ditar modas e novos hábitos. A partir de sua escrita e da representação que os leitores vão construir dela, é que os jornalistas difundem e influenciam comportamentos. Os jornalistas, dentro das redações dos periódicos tornam-se representantes diretos da nova ordem social por meio da veiculação do discurso elitista dela proveniente. Entretanto defendem o caráter profissional e ético da função que ocupam, na medida em que fazem apologia a neutralidade ou imparcialidade – palavras de ordem no mundo jornalístico – de sua atuação.

O contexto histórico analisado acima contribuiu para que o literato carioca - Afonso Henrique Lima Barreto – construísse representações¹ em torno da grande

¹ Segundo Roger Chartier, representação é o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Diante da impossibilidade de o historiador de perceber diretamente o real vivido, cabe a ele articular três modalidades com o mundo social: o trabalho de delimitação e classificação das múltiplas configurações intelectuais, “através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos”; as “práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”; as “formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais uns ‘representantes’ marcam de forma visível e perpetuada a existência de um grupo, da classe ou da comunidade” (1990, p.16-23).

imprensa brasileira. Em meio ao amplo legado escrito deixado por esse literato, escolhemos como objeto dessa análise o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. O eixo central desta reflexão são as práticas jornalísticas do início do século XX, que motivaram Lima Barreto a estabelecer dentro do referido romance uma sugestiva comparação entre “o pirata antigo e o jornalista moderno”. Lima Barreto ousou ao denunciar e explicitar alguns mecanismos utilizados pelos jornalistas nos bastidores das redações de periódicos cariocas.

OS BASTIDORES DA IMPRENSA CARIOCA

Recordações Escrivão Isaías Caminha foi publicado inicialmente em 1909. Trata-se de uma sátira a um dos periódicos mais populares do Rio de Janeiro no início do século XX, o *Correio da Manhã*. Jornal matutino fundado em 15 de junho de 1901 por Edmundo Bittencourt, foi caracterizado desde o início como um periódico de oposição, entretanto passou a valorizar a informação em detrimento da opinião. Intitulou-se de folha política e criticou o ideal de neutralidade (BARBOSA, 2000, p. 26).

No romance esse mesmo jornal recebe o nome fictício d’*O Globo* e através das reminiscências de Isaías Caminha, contínuo que trabalhava na redação desse periódico, Lima Barreto denuncia e questiona alguns aspectos da grande imprensa, como também tece críticas a uma das principais figuras da produção jornalística – o jornalista. Na ficção, *O Globo* é um “jornal de grande circulação, diário e matutino, recentemente fundado e já dispendo de grande prestígio sobre a opinião” (BARRETO, 1989, p.111).

Vale ressaltar que o escritor já atuara anteriormente como jornalista no mesmo *Correio da Manhã*. Produzindo, portanto esse romance a partir das experiências obtidas durante o período em que trabalhou na redação desse jornal.

Isabel Travancas afirma que a representação da imprensa e do jornalista na ficção é um tema habitual dentro da literatura:

O “quarto poder” e seus agentes foram e continuam sendo na atualidade tema e protagonistas de diversas obras de ficção. É possível afirmar que a literatura imortalizou algumas imagens do jornalista; [...]. Herói e bandido estiveram presentes em diferentes romances. O vilão é representado pelo profissional que não mede esforços para

conseguir seus objetivos e dar um “furo” de reportagem. Sem caráter e trafegando pelo submundo do crime, ele não hesita em colocar sua carreira na frente de tudo e todos e é esta representação a mais presente na literatura de um modo geral (2003).

Essa representação do jornalista como vilão ou bandido pode ser identificada no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Essa é a imagem do profissional da imprensa que Lima Barreto pretende transmitir ao leitor, na medida em que denuncia e explicita os mecanismos que estavam por trás da produção de um jornal. Revelando ao longo do livro as estratégias de manipulação das informações pelos jornalistas, aborda também o poder do qual eles se sentiam investidos - que seria capaz de intimidar e derrubar os poderosos – ou o modo como utilizavam o jornalismo como trampolim para conseguir a tão sonhada estabilidade profissional através dos cargos públicos. Além disso, o romance enseja a denúncia dos “farejadores de escândalos”, a ênfase nos assuntos grotescos ou pitorescos - característica daquele novo fazer jornalístico inaugurado no início do século XX.

Ao significar o jornalista como um fora da lei, Lima Barreto termina por estabelecer dentro do referido romance uma sugestiva comparação entre “o pirata antigo e o jornalista moderno”:

A Imprensa! Que quadrilha! Fiquem vocês sabendo que, se o Barba-Roxa ressuscitasse, agora com os nossos velozes cruzados e formidáveis couraçados, só poderia dar plena expansão à sua atividade se se fizesse jornalista. Nada há tão parecido como o pirata antigo e o jornalista moderno: a mesma fraqueza de meios, servida por uma coragem de salteador; conhecimentos elementares do instrumento de que lançam mão e um olhar seguro, uma adivinhação, um faro para achar a presa e uma insensibilidade, uma ausência de senso moral a toda a prova... (BARRETO, 1989, p. 106).

O autor enfatiza o perfil duvidoso dos jornalistas, apontando principalmente os aspectos negativos de suas personalidades, torna visíveis as manobras que esses realizavam em nome de interesses próprios. Definindo-os como indivíduos arrogantes e presunçosos, aventureiros dispostos a todo tipo de maquinações que lhes trouxesse algum prestígio ou reconhecimento.

De acordo com Sara Keller e Cida Golin, os jornalistas retratados por Lima Barreto no romance podem ser classificados em duas categorias, que embora sejam

aparentemente contraditórias terminam por se complementar: a primeira trata do prestígio e do poder que os envolvia perante a sociedade carioca, a segunda destaca a mediocridade e a falta de escrúpulos como características daqueles que exerciam atividades ligadas a imprensa. A partir desses dois aspectos fica evidente a intenção das autoras em assinalar a imagem dos homens de imprensa como ambígua ou contraditória, pois “o mesmo jornalista que é detentor de status e admiração, na sua existência particular demonstra atitudes mesquinhas, falta de caráter e de ética.” (GOLIN; KELLER, 2009, p.09).

Os jornalistas retratados por Lima Barreto não demonstravam ter nenhum tipo compromisso com a transformação da realidade social e política do país, postura que se contrapunha a concepção de uma imprensa engajada e empenhada nas discussões de seu tempo. Entretanto, a sociedade os tinha em um patamar superior, divinizavam a autoridade e o poder incontestável desses profissionais. O trecho a seguir exemplifica o caráter de submissão observado por Lima Barreto na relação que se constituía entre jornalistas e sociedade:

E assim dominam tudo, aterram, fazem que todas as manifestações de nossa vida coletiva dependam do assentimento e da sua aprovação... Todos nós temos que nos submeter a eles, adúlá-los, chamá-los gênios, embora intimamente os sintamos ignorantes, parvos, imorais e bestas... Só se é geômetra com o seu *placet*, só se é calista com a sua confirmação e se sol nasce é porque eles afirmam tal cousa [...] (BARRETO, 1989, p. 106).

Isabel Travancas ressalta que “para a sociedade, o jornalista é um indivíduo que detém informações importantes, circula por esferas de poder político e financeiro, e por tudo isso possui um status que o insere dentro de uma elite que tem, portanto, poder” (TRAVANCAS, 1993, p.96).

Para Travancas os jornalistas obtêm poder a partir do momento em que estabelecem relações com pessoas influentes na sociedade. Essas relações que constituem no espaço público enquanto jornalistas é que lhes instituí poder. Atuar como jornalista na redação de um periódico que possui o conceito elevado na opinião pública é o que lhes garante o acesso aos poderosos.

Mas esse prestígio perante as autoridades só é possível quando os jornalistas estão ligados diretamente à redação de um jornal, caso se desvinculem desse meio,

deixam de exercer influência. Para Lima Barreto “era esse o grande terror de todos. Não eram os ordenados, não era a miséria que os apavorava; temiam não encontrar outro lugar nos jornais e perderem por isso a importância, a honra suprema de pertencer ao jornalismo. Eles não valiam por si; o jornal é que lhes dava brilho” (BARRETO, 1989, p. 106).

Lima Barreto acreditava que os homens de imprensa não existiam fora dos jornais e se eram temidos pela sociedade é porque exerciam poder por meio de sua escrita. Pois a influência de seus textos sobre os leitores poderia ser devastadora. Como foi ressaltado anteriormente, esse novo jornalismo que vinha se constituindo no país tinha como uma de suas principais características a veiculação de escândalos. A imprensa tornava-se palco de disputas pessoais, os jornalistas podiam invadir a privacidade das pessoas e a estampá-la nas páginas dos jornais. O temor pela publicação e repercussão que essas notícias poderiam causar na opinião pública é que consentia poder aos jornalistas.

Marialva Barbosa, parafraseando Lobo Cordeiro, diz: “Ser popular é atingir os ainda não alinhados entre os leitores tradicionais. É ser jornal dos caixeiros, dos balconistas, dos empregados de comércio, dos militares de baixa patente, dos trabalhadores em geral” (BARBOSA, 2000, p. 32).

É propriamente essa sede de popularização que se abateu sobre a imprensa carioca que Lima Barreto discute ao denunciar em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* os chamados “farejadores de escândalos”. Denominou dessa forma os jornalistas que invadiam espaços públicos ou privados na busca por um furo de reportagem. A veiculação das violentas notícias policiais, dos crimes e dos escândalos familiares na concepção do diretor do jornal, Ricardo Loberant era o que despertava o interesse do público leitor pelo *O Globo*:

Loberant sabia o segredo do seu sucesso e velava pela folha com cuidados especiais. Diariamente lhe vinha informações sobre a venda avulsa, sobre o movimento de anúncios. Se decaíam um pouco, logo procurava um escândalo, uma denúncia, um barulho, em falta um artigo violento fosse contra quem fosse. Havia na redação farejadores de escândalos; um, para os públicos; outro, para os particulares. Este era o mais interessante. Tinha uma imaginação doentia; forjava coisas terríveis, inventava, criava crimes. Eram cárceres privados,

enterramentos clandestinos, incestos, tutores dolosos, etc (BARRETO, 1989, p. 146).

Para o diretor d'*O Globo* a ênfase nos assuntos grotescos ou pitorescos estava diretamente relacionada ao aspecto financeiro do jornal, que tinha como uma das principais fontes de renda a venda avulsa. Por isso precisava ser bem aceito pela opinião pública.

Ao explicitar a conduta dos jornalistas “farejadores de escândalos” chamou atenção para algo que ainda hoje faz parte da realidade dos nossos meios de comunicação – a manipulação de informações, identificada no romance como um mecanismo necessário no processo de produção das notícias. Daí a redação do *O Globo* ser comparada pelo literato a uma “fábrica de carapetões”, ou seja, era uma verdadeira “fábrica de mentiras”.

Lima Barreto retrata a temática da manipulação de informações descrevendo o alvoroço que se alastrou na cidade e na redação d'*O Globo* após a divulgação de um crime ocorrido em Santa Cruz, em que uma mulher e um homem haviam sido encontrados mortos a facadas e decapitados. Ricardo Loberant vai explorar ao máximo o lado emocional desse episódio para atrair a atenção dos leitores para o seu jornal. Começou encarregando o jornalista Adelermo Caxias de forjar indícios, depoimentos, inventar quaisquer informações sobre um crime do qual quase ainda não se tinha muitas notícias. “Adelermo era a imaginação do jornal, e em seus ombros recaía todo o peso da necessidade de informações imediatas ao público quando os documentos faltavam ou eram omissos” (BARRETO, 1989, p. 163).

A capacidade criativa que particularizava esse jornalista dentro da redação d'*O Globo* era também resultante das inovações editoriais que exigiam dos profissionais da imprensa a busca incansável pelo ineditismo e exclusividade das notícias a serem veiculadas pela grande imprensa. Esse aspecto fica claro no romance quando, para mostrar ao público leitor a eficiência do jornal, o diretor exige que a todo instante Adelermo forje boletins com informações supostamente inéditas sobre o crime de Santa Cruz e os afixe na porta do jornal. Com isso Ricardo Loberant pretendia vender mais alguns exemplares do periódico, já que “a multidão, em frente ao jornal aumentava

sempre. Muitos subiam pedindo informações. A curiosidade era geral; o crime impressionara a população” (BARRETO, 1989, p. 162).

O vínculo estabelecido entre a imprensa e o jornalista além de propiciar o acesso aos poderosos permitia que por meio deles o jornalista ascendesse socialmente. Segundo Marialva Barbosa muitos jovens recém-formados no nível superior se aventuravam no ramo da imprensa com intuito de fazer dela um trampolim para alcançar cargos públicos ou políticos (2000, p. 12).

Os jornalistas d’*O Globo* não foram exceção dentro dessa prática ressaltada por Barbosa. Sendo que Oliveira foi o único jornalista desse matutino que não demonstrou complacência diante das atitudes de seus colegas de trabalho, esbravejando aos quatro cantos da redação:

- [...] vocês não prezam a Imprensa, fazem dela achego, gancho; não a dignificam, não a honram. Querem empregos públicos, como se um reles burocrata valesse mais do que um jornalista...
- Mas não é isso, objetava Leiva. É mais seguro...
- Qual seguro! Então você pensa que não se é também demitido... É preciso engrossar, bajular, fazer manifestações... Eu não quero. Da Imprensa, para a cova, e não acho profissão mais brilhante do que a nossa!(BARRETO, 1989, p. 12).

A sonhada estabilidade profissional era algo que a imprensa não podia garantir ao jornalista. “Tenho pena de quem vive da pena”, disse certa vez Cruz e Souza. (BARBOSA, 1988, p. 07). De fato afirmação do literato era coerente para aqueles tempos. Pois não era tarefa muito fácil fundar e manter um jornal em circulação nessa época. Os baixos salários pagos pela imprensa induziam o literato a associar o ofício jornalístico a uma profissão liberal. A insegurança profissional era uma realidade dos homens de letras tanto dentro quanto fora dos jornais.

Na visão de Lima Barreto, eram estas e outras práticas verificadas no Rio de Janeiro da Primeira República que aproximavam um jornalista moderno de um pirata antigo, cada qual em suas embarcações e em tempos diferentes, a aterrorizar a sociedade em nome interesses próprios.

Sendo Lima Barreto um leitor assíduo dos jornais cariocas e atento, portanto as suas transformações, não deixou passar despercebido os novos rumos tomados pela imprensa. Criticou a importância dada aos escândalos sensacionais, que ocupavam lugar

de destaque nas páginas dos principais periódicos cariocas e o descaso com relação às notícias de conteúdo político ou literário. Dessa forma, “os jornais [...] não poderiam preencher a função sociocultural de criação e expressão de uma consciência crítica, nacional-popular” (COUTINHO, 2008, p. 70).

Ao representar o jornalista como o “pirata barba-roxa dos tempos modernos”, Lima Barreto pretende transmitir ao leitor a imagem de um vilão ou bandido. Mas embora retrate o jornalista dessa maneira, em alguns trechos do romance ele demonstra que muitas vezes os jornalistas se deixavam levar por tais práticas por não terem outra escolha, já que fora de um jornal não lhes restavam alternativas, ou seja, esse profissional fazia o que fosse necessário - até mesmo fraudar informações ou “fabricar” notícias - para não perder o emprego. Com isso, não queremos isentar os jornalistas de suas responsabilidades, mas sim evidenciar que Lima Barreto teve a sensibilidade de perceber certas nuances.

Com sua pena ferina, o escritor não economizou nas críticas em relação à imprensa. Entretanto ele nunca perdeu as esperanças no caráter transformador da imprensa através da conscientização crítica da sociedade. E isso poderia se tornar uma realidade caso não a utilizassem em nome de interesses pessoais.

10

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARRETO, A. H. de Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BARBOSA, Marialva Carlos. *As representações do “Correio da Manhã na pena de escrívão de Lima Barreto: a introdução do jornalismo em moldes empresariais no Rio de Janeiro da Belle Époque no discurso ficcional*. Niterói: 1988. (mimeo).

_____. *Os Donos do Rio: Imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 16-23.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 2ªed. Companhia das Letras, 1987.

GOLIN, Cida; KELLER, Sara. *Prestígio, poder e mediocridade*. Revista Anagrama, São Paulo, ano 2, 4.ed., jun.-ago. 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/anagrama/Keller_Lima_Barreto.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.

_____. *O jornalista e suas representações literárias*. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos...* Belo Horizonte: INTERCOM. Não paginado. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_travancas.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2012.